



BRUGIER, Julie. Modelos europeus sob o prisma do regionalismo ou da singular reinvenção do épico em *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz. Tradução. In: *Revista Épicas*. Ano 6, N. 12, Dez 22, p. 150170. ISSN 2527-080-X.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v12.150170>

**MODELOS EUROPEUS SOB O PRISMA DO REGIONALISMO  
OU DA SINGULAR REINVENÇÃO DO ÉPICO EM  
MEMORIAL DE MARIA MOURA (1992), DE RACHEL DE QUEIROZ<sup>1</sup>**

**LES MODELES EUROPEENS AU PRISME DU REGIONALISME  
OU LA REINVENTION SINGULIERE DE L'EPOPEE DANS  
MEMORIAL DE MARIA MOURA (1992), DE RACHEL DE QUEIROZ**

Julie Brugier<sup>2</sup>  
(Universidade de Paris Nanterre)

**RESUMO:** Este artigo propõe interrogar o uso do registro épico e a densidade de referências intertextuais no *Memorial de Maria Moura* (1992) por Rachel de Queiroz, colocando-o no contexto de sua publicação.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente em francês na revista *Recueil Ouvert*. Referência: BRUGIER, Julie Brugier. Les modèles européens au prisme du régionalisme ou la réinvention singulière de l'épopée dans *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz. *Recueil Ouvert* [En ligne], mis à jour le : 10/11/2019, URL : <http://ouvrir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/328-les-modeles-europeens-au-prisme-du-regionalisme-ou-la-reinvention-singuliere-de-l-epopee-dans-memorial-de-maria-moura-1992-de-rachel-de-queiroz>

Tradução para o português realizada por Christina Ramalho.

<sup>2</sup> Julie Brugier é ex-aluna da École Normale Supérieure de Lyon, graduada em Letras Modernas e doutoranda em Literatura Comparada na Université de Paris Nanterre, onde desenvolve tese *Communauté et marginalité dans l'œuvre romanesque de Maryse Condé, William Faulkner et Rachel de Queiroz* [Comunidade e marginalidade nos romances de Maryse Condé, William Faulkner e Rachel de Queiroz], vinculada ao *Centre de recherches en Littérature et Poétique Comparées*, sob a orientação de Camille Dumoulié. As ligações entre a comunidade e as epopeias de fundação são um dos aspectos desse trabalho de pesquisa, presentes em dois artigos: "Maria Moura: de l'ambivalence d'une héroïne épique brésilienne" [Maria Moura: da ambivalência de uma heroína épica brasileira], *Revista Épicas*, vol. 1, no. 1, agosto 20172 ; "L'épique erratique et trouble' : William Faulkner et Rachel de Queiroz, migrations de l'épique dans le Sud des Etats-Unis et le Nord-Est du Brésil", *Actas do 41º Congresso da Sociedade Francesa de Literatura Geral e Comparada* (em breve).

Numa época em que o Brasil, acabado de sair da ditadura, enfrentava uma intensa crise política e quando foi atacada por sua proximidade com o regime militar, Rachel de Queiroz criou uma “epopeia refundadora”: no momento em que o regionalismo está prestes a desaparecer da cena literária brasileira, ela opta por voltar à região para questionar as possibilidades que se abrem à nação e reafirmar a singularidade de sua caneta, ela reinventa seu lugar de fala através da desterritorialização dos modelos europeus.

**Palavras-chave:** Epopeia; regionalismo; refundação, Rachel de Queiroz

**RESUMÉ:** Cet article propose d’interroger le recours au registre épique et la densité des références intertextuelles dans *Memorial de Maria Moura* (1992) de Rachel de Queiroz, en le replaçant dans le contexte de sa parution. Alors que le Brésil, à peine sorti de la dictature, fait face à une intense crise politique et alors qu’elle est attaquée pour sa proximité avec le régime militaire, Rachel de Queiroz crée une “épopée refundatrice” : à un moment où le régionalisme est en passe de disparaître de la scène littéraire brésilienne, elle choisit de revenir à la région afin d’interroger les possibilités qui s’ouvrent à la nation et afin de réaffirmer la singularité de sa plume, en réinventant le lieu de son énonciation à travers la déterritorialisation des modèles européens.

**Mots clés:** Épopée; régionalisme; refundation; Rachel de Queiroz

## Introdução

Em 1992, quando foi publicado o *Memorial de Maria Moura*, a escritora e jornalista cearense<sup>3</sup> de 82 anos Rachel de Queiroz ocupou uma posição ambivalente no panteão da literatura nacional, entre o reconhecimento institucional e o esquecimento crítico, notadamente por causa de seu apoio ao golpe militar de 1964 e de sua colaboração com a ditadura<sup>4</sup>. Esse romance épico é o último livro de ficção publicado por Rachel de Queiroz: ele traça a trajetória de Maria Moura, uma órfã que, no século XIX, após matar seu padrasto e incendiar a casa de sua mãe para se proteger, torna-se a líder de um bando de foras da lei. Com esse grupo, ela atravessa o sertão<sup>5</sup> do Ceará para fundar uma comunidade de foras-da-lei na *Serra dos Padres*, terras ancestrais legadas por seu pai. Ela constrói uma fortaleza, batizada de *Casa Forte*, de onde exerce seu poder, mas, após uma traição amorosa, ela se lança em uma expedição final, suicida, que se assemelha à ida para uma guerra. O romance mistura elementos da história e da cultura do Nordeste<sup>6</sup> com um fundo cultural europeu presente no diálogo com a canção de gesta e a figura da donzela guerreira, ambas presentes na cultura regional, que assimilou parte deste patrimônio

---

<sup>3</sup> O termo se refere a pessoa nascido no estado do Ceará, no nordeste do Brasil.

<sup>4</sup> Em 1964, o presidente, João Goulart, apelidado de “Jango”, foi derrubado por um golpe militar. O Brasil tornou-se uma ditadura civil-militar e assim o foi até 1985.

<sup>5</sup> No século XIX, a palavra *sertão* era usada para designar, em sentido amplo, todo o interior brasileiro, tanto no Norte como no Sul; durante o século XX, a palavra tornou-se cada vez mais associada ao *Nordeste*, as terras semi-áridas do interior (MUNIZ DE ALBUQUERQUE JR., Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife/São Paulo: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana/Cortez Editora, 1999, p. 117).

<sup>6</sup> O *Nordeste* é uma das cinco regiões brasileiras. Compreende nove estados. A palavra teria surgido em 1919 para designar a região, que assumiu seus contornos institucionais atuais em 1969 (*Ibid.*, p. 68).

épico através da literatura oral e de folhetos de cordel<sup>7</sup>. Além disso, há referências específicas da escritora, notadamente à rainha Elizabeth I da Inglaterra, cuja biografia serve de modelo para a trama, depois de misturada com fontes mitológicas e personagens históricas do Nordeste.

O livro lembra, em alguns aspectos, as obras anteriores de Rachel de Queiroz, com suas personagens femininas independentes, que procuram escapar da esfera doméstica<sup>8</sup>. No entanto, dentro de uma produção romanesca caracterizada por enredos mais ou menos contemporâneos e realistas, há algo incongruente neste texto, com sua abundância de referências a figuras históricas e lendárias e com um enredo que se situa no contexto do Brasil imperial, depois da independência<sup>9</sup>, em um momento crucial para a construção da identidade nacional<sup>10</sup>. Ele se singulariza, assim, por sua estrutura: se a crítica condenou Rachel de Queiroz pela estrutura excessivamente linear de seu romance anterior<sup>11</sup>, o *Memorial* é construído de forma complexa e polifônica, num entrelaçamento de vozes misturando planos temporais distintos: três personagens, Marialva, o Beato Romano e Maria Moura, narram sua viagem do sertão à Casa Forte e as aventuras que encontram em seu caminho. Embora a romancista declare “Eu sou a pessoa menos épica do mundo”<sup>12</sup>, as façanhas de Maria Moura, o tema da travessia, a conquista do território e a fundação da comunidade e a mistura de planos históricos e maravilhosos aproximam implicitamente o romance do registro épico.

É necessário questionar a escolha aparentemente surpreendente desse registro, assim como a abundância intertextual desse gesto romanesco e seu diálogo com a cultura regional e europeia, considerando o contexto particular de sua publicação, que tem sido pouco analisada pela crítica. De fato, no início dos anos 90, o Brasil, recém-saído da ditadura, enfrentava uma intensa crise política. Fernando Collor de Melo, ex-governador do pequeno estado de Alagoas,

---

<sup>7</sup> O termo *cordel* refere-se a histórias populares, em verso rimado, em sua maioria herdadas da literatura oral, impressas em folhetos e penduradas em cordas para serem vendidas a preços muito baixos. A literatura *Cordel* é muito popular no *Nordeste*. Muitos *cordéis* são baseados em histórias da Europa medieval, especialmente a lenda carolíngia.

<sup>8</sup> Em particular seu romance anterior, *Dôra, Doralina* (1975).

<sup>9</sup> O romance omite qualquer referência histórica precisa, mas alguns elementos, por seus detalhes, permitem situar a trama mais ou menos neste período: uma referência às cédulas impressas sem imagens, que datam de 1833; a menção ao declínio da Casa da Torre d'Ávila, uma fortaleza que foi o centro do poder no nordeste do Brasil por vários séculos, mas que foi abandonada a partir de 1835; e finalmente, a alusão a uma guerra no sul do país, provavelmente a Guerra Cisplatina (1825-1828). A indeterminação desta última menção pode, entretanto, confundir a questão, pois durante o reinado de Dom Pedro II, o Brasil viveu três outras guerras com países do sul da América Latina (a Guerra da Prata entre 1851 e 1852, a Guerra do Uruguai entre 1864 e 1865, a Guerra do Paraguai entre 1864 e 1870).

<sup>10</sup> O Brasil perdeu brevemente seu status de colônia durante as invasões napoleônicas: em 1808, a corte portuguesa fugiu de Napoleão e se estabeleceu no Rio de Janeiro, que então se tornou a capital do reino português. Em 1821, quando a corte retornou para Lisboa, o filho do rei Dom João VI, Dom Pedro I, tornou-se o príncipe regente do país. Ele proclamou a independência em setembro de 1822, tornando-se imperador em outubro, e fez redigir a primeira constituição brasileira em 1824. O Brasil foi um Império até a destituição de seu filho, Dom Pedro II, em 1889.

<sup>11</sup> Hélio Pólvora afirma sobre *Dôra, Doralina* que “o longo hiato apresenta uma autora defasada em relação a certas conquistas estruturais que o nosso romance absorveu a partir do ciclo nordestino, o qual ela ajudou a fundar com *O Quinze* (1930)” (PÓLVORA, Hélio. *Dôra, Doralina*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1975; *Cadernos da literatura Brasileira*, No. 4, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 123).

<sup>12</sup> As três Rachéis, entrevista com Rachel de Queiroz. *Cadernos da literatura brasileira, op. cit.*, p. 23.

foi eleito presidente em 1989, nas primeiras eleições diretas após o fim da ditadura. Sua vitória foi fortemente ligada ao apoio da mídia e a uma campanha moralista na qual ele se apresentou como um homem providencial que modernizaria o país e erradicaria a corrupção. Sua presidência durou apenas dois anos, visto que ele foi afastado no final de 1992. Sua gestão foi marcada por grande instabilidade econômica e política, com inflação vertiginosa, o episódio desastroso do confisco de poupança e depósitos bancários em 1990 e enormes escândalos de corrupção<sup>13</sup>. Um ano antes da publicação do romance, quando perguntada sobre o governo Collor, Rachel de Queiroz reconheceu a importância desta crise, dizendo: “acho a hora muito aflitiva, muito dramática que nós estamos atravessando”. Além disso, aquela era uma época em que a questão da memória da ditadura estava sendo colocada de forma aguda e a escritora era objeto de críticas virulentas por causa de sua proximidade com os militares, que só diminuiu no final dos anos 90. O recurso ao épico é talvez uma maneira de Rachel de Queiroz pensar sobre este momento de crise que o país atravessa, enquanto questiona seu lugar no campo da literatura brasileira dos anos 90.

Também não é insignificante que neste último romance Rachel de Queiroz retorne mais uma vez à sua terra natal, que ela disse ser o lugar onde sua escrita criou raízes: o *Nordeste*, uma região que se construiu no imaginário nacional<sup>14</sup> tanto como um espaço onde um autêntico espírito nacional seria preservado, mas também como "um 'outro' social, racial e político que contrastava com as regiões e populações supostamente mais desenvolvidas do sul do Brasil"<sup>15</sup>. Situado neste espaço ambivalente, a gesta de Maria Moura é semelhante a uma “epopeia refundadora”<sup>16</sup>, para usar o conceito de Florence Goyet. Se a trama ocorre durante um período de construção nacional, talvez seja preciso imaginar uma refundação da nação da região, devolvendo-lhe um lugar central que já não possui mais no imaginário nacional. A essa ambição coletiva e projetiva de refundação de um “nós” da comunidade nacional, acrescenta-se também a ambição individual da romancista: redescobrir um lugar de enunciação, a partir de uma

---

<sup>13</sup> Primeiro presidente eleito por eleição direta após o fim da ditadura. Sua presidência foi um período de grande instabilidade econômica e política: foi marcada pelo confisco de poupanças e depósitos bancários em 1990, escândalos de inflação e corrupção que começaram a surgir no início de 1991, levando ao processo de *impeachment*. O presidente foi removido do poder em outubro de 1992 e renunciou em dezembro de 1992.

<sup>14</sup> Essa construção foi estudada em detalhe em *A invenção do Nordeste e outras artes* (op. cit.): o pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Jr. traça a história do *Nordeste* no imaginário nacional, mostrando como a região é construída através de discursos institucionais, políticos, artísticos e literários. Adotando uma abordagem próxima à de Edward Said no *orientalismo*, ele mostra que esta construção regional é relacional e, opondo o *Nordeste* ao *Sul* e ao *Sudeste*, torna gradualmente a região uma margem dentro da nação.

<sup>15</sup> N.T.: Tradução para o português de BLAKE, Stanley E. **The Vigorous Core of Our Nationality: Race and Regional Identity in Northeastern Brazil**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2011, p. vii.

<sup>16</sup> GOYET, Florence. L'épopée refundatrice : extension et déplacement du concept d'épopée. **Recueil Ouvert** [En ligne], atualizado em : 31/05/2018, URL : <http://ouvrage-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/165-le-travail-epique-definition-de-l-epopee-refondatrice>.

reinvenção da região onde se misturam a familiaridade das referências locais e a alteridade das referências européias, desterritorializadas no *Nordeste*.

## I. A epopeia do *Nordeste* e a voz singular da romancista

### Criando um lugar estratégico de enunciação em um contexto conturbado

Em 1992, Rachel de Queiroz desfrutou do estatuto ambíguo de celebridade literária e escritora reacionária<sup>17</sup>. Ela foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras, uma jornalista renomada, uma tradutora prolífica, uma dramaturga e uma grande romancista do Nordeste, mas ela ainda era pouco estudada no mundo acadêmico dos anos 90. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda, a marginalização da escritora, ligada à sua trajetória política, começou no final da década de 1960, quando um corpo de trabalhos acadêmicos se desenvolvia no Brasil<sup>18</sup>. Depois de ter sido comunista em sua juventude<sup>19</sup>, Rachel de Queiroz apoiou o golpe militar de 1964<sup>20</sup> e a ditadura que se seguiu, continuando, de bom grado, sua atividade jornalística mesmo durante as piores horas de censura, com crônicas panfletárias<sup>21</sup>.

Na época da abertura do regime e durante os anos seguintes à sua queda, isto lhe valeu a ira dos círculos intelectuais, tanto que em uma entrevista que deu ao programa *Roda Viva* em 1991, a romancista reclamou de ser alvo constante de uma patrulha ideológica (bastante relativa, dado o prestígio do programa a ela dedicado). Durante essa entrevista, depois de explicar seu apoio ao golpe militar, ela é abertamente criticada por Caio Fernando Abreu, um dos escritores que conduzem a entrevista, que afirma “estou me sentindo extremamente constrangido de estar na posição de render homenagem a um tipo de ideologia que profundamente desprezo”<sup>22</sup> (A historiadora Natália de Santanna Guerellus destaca o tom acusatório das perguntas dirigidas à escritora em entrevistas do final dos anos 70 até o início dos

---

<sup>17</sup> O termo foi usado explicitamente por Caio Fernando Abreu durante a entrevista de Rachel de Queiroz no programa *Roda-Viva* em 1991. Ele conta à escritora uma anedota sobre suas orientações políticas contraditórias: “E o meu pai dizia assim: 'Não leia essa mulher, ela é comunista'. E depois, anos mais tarde, na faculdade, já em 67, 68, eu andava com um livro seu embaixo do braço, acho que era *O quinze*. E um colega meu disse assim: 'Não leia essa mulher, ela é uma reacionária’”.

<sup>18</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. O ethos Rachel. *Cadernos da literatura brasileira*, op. cit., p. 104.

<sup>19</sup> Durante o *Estado Novo*, ela foi presa duas vezes e colocada sob vigilância.

<sup>20</sup> A veia conservadora da autora veio nos anos 50 e 60; nos anos anteriores ao golpe de Estado, Rachel de Queiroz dirigiu um salão frequentado por intelectuais e políticos de direita e extrema-direita, bem como por oficiais militares de alta patente, entre eles o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, seu primo distante, que viria a ser o primeiro presidente da ditadura militar. Ela usou sua influência como jornalista para espalhar o sentimento anticomunista

<sup>21</sup> Rachel de Queiroz continuou a escrever suas colunas jornalísticas e a apoiar os militares durante os “Anos de chumbo” (1968-1974), que começou com o AI-5, um decreto do General Costa e Silva, que deu poder legislativo ao executivo, institucionalizou a censura, proibiu reuniões políticas, suspendeu *habeas corpus* e instaurou a repressão aos opositores. Esta repressão se intensificou durante o governo do General Gastarrázu Médici (1969-1974).

<sup>22</sup> No entanto, o fato de ela participar desse programa cultural é suficiente para refutar parcialmente a posição que ela atribui a si mesma.

anos 90<sup>23</sup>. Rachel de Queiroz desenvolve uma estratégia para responder a elas, justificando seu apoio ao golpe com a ideia de que o presidente eleito, João Goulart, apelidado de “Jango”, representaria uma ameaça comunista<sup>24</sup>. Ela minimizou seus vínculos com o poder durante a ditadura e afirmou repetidamente que havia deixado de apoiar o regime após a saída de Humberto de Alencar Castelo Branco<sup>25</sup> (estas afirmações foram desde então desmentidas por estudos de suas colunas políticas após 1964<sup>26</sup>).

Além disso, na medida em que o regionalismo perdia seu lugar na produção literária brasileira, as obras da romancista começaram a ser percebidas como expressões de uma visão política conservadora, que valorizaria uma sociabilidade comunitária e idealizaria formas oligárquicas de poder. Já em 1970, em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi faz de Queiroz a herdeira do regionalismo tradicionalista de Gilberto Freyre<sup>27</sup>, tingida com uma

---

<sup>23</sup> SANTANNA GUERELLUS, Natália de. **Como um Castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)**. Tese de doutorado em história sob a supervisão de Rachel Soihet. Niterói (Brasil): Universidade Federal Fluminense, 2015. URL: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1774.pdf>. Último acesso: 23 de março de 2019.

<sup>24</sup> O golpe militar de 1964 foi muitas vezes justificado pela ideia de que João Goulart, o presidente eleito, representaria uma ameaça comunista. Ao afirmar que ela se opôs a Jango em vez de apoiar os militares, Rachel de Queiroz está retomando esta retórica conservadora, que agora ressurgiu no debate político brasileiro, com um revisionismo histórico que busca reabilitar a ditadura, negando seus crimes ou apresentando-os como um mal necessário em uma guerra contra o comunismo. Programa "Roda Viva" com Rachel de Queiroz, transmitido na TV Cultura em 1<sup>er</sup> julho de 1991. Transcrição disponível nos arquivos do programa, digitalizado pela FAPESP. URL: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel\\_de\\_queiroz\\_1991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm). Último acesso: 1<sup>er</sup> abril de 2019.

<sup>25</sup> Ela minimiza as exações dos militares durante este primeiro período da ditadura, negando, por exemplo, a tortura ou a repressão. Assim, Queiroz faz uma distinção comum entre os militares moderados (*linha moderada*), em torno de Castelo Branco, que via o regime militar como um momento de transição antes do retorno à democracia, e os militares radicais (*linha dura*), que favoreciam o prolongamento do regime militar e seu endurecimento, iniciado por Costa e Silva. Esta distinção é agora contestada, especialmente porque Castelo Branco tomou muitas medidas antidemocráticas: fechou o Congresso, dissolveu os partidos políticos, criou o SNI (*Serviço Nacional de Informação*) e iniciou a repressão.

<sup>26</sup> Duas teses e uma tese de Mestrado em História sobre as crônicas jornalísticas de Rachel de Queiroz mostraram recentemente a extensão de seu apoio ao regime militar, apesar das críticas ocasionais que ela fez ao governo: SANTANNA GUERELLUS, Natália de, *op. cit. cit.*; FRANÇA DOS SANTOS FERREIRA, Raquel. **A "Última Página" de O Cruzeiro: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64**. Tese de doutorado em história sob a supervisão de Giselle Martins Venancio. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015. URL: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1744.pdf>. Última vez que foi acessada: 10 de abril de 2019; COELHO MENDES, Fernanda. **A "fiadora do governo": Rachel de Queiroz na revista O Cruzeiro (1960-1975)**. Tese de mestrado sob a supervisão de Lúcia Grinberg. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017, URL: [http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/dissertacao\\_fernanda-mendes-1](http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/dissertacao_fernanda-mendes-1). Última vez que foi acessada: 3 de abril de 2019.

<sup>27</sup> Na década de 1920, um novo regionalismo *Nordestino* tomou forma em torno do sociólogo Gilberto Freyre, numa época em que o desequilíbrio econômico entre as regiões estava aumentando e o *Sudeste* afirmava sua hegemonia cultural; o objetivo era reivindicar um lugar para a região na construção de uma identidade nacional, concebida como a soma de particularismos locais. Freyre organizou o primeiro Congresso Regionalista em Recife em 1926, reunindo intelectuais da região; o congresso procurou justificar *a posteriori* a divisão espacial que estabeleceu o *Nordeste*, conferindo-lhe uma dimensão cultural, através da reivindicação de tradições e costumes ligados a um passado rural, pré-capitalista. Este espaço arcaico, congelado no passado colonial, é imaginado como sendo oposto ao Sul, e em particular a São Paulo, a ponta de lança da indústria e da modernidade, para a qual o centro econômico do país tem se deslocado gradualmente. O modernismo paulista também foi alvo deste regionalismo: além da notória rivalidade entre Freyre e Mário de Andrade, figura central do modernismo, os regionalistas dos anos 20 consideravam o modernismo elitista e muito próximo das influências estrangeiras, na medida em que o desejo dos modernistas de afirmação nacional também era acompanhado por um espírito de emulação das vanguardas europeias. Ao contrário da afirmação de Alfredo Bosi de que ela estava de acordo com Freyre, Rachel de Queiroz tinha uma grande admiração pelos modernistas e procurava conciliar modernismo e regionalismo.

“nostalgia dos bons velhos tempos”<sup>28</sup>. A escritora continua apegada à corrente regionalista, que ela afirma abertamente ser, apesar da heterogeneidade dos espaços e assuntos que ela aborda em seus romances. Durante a entrevista no programa *Roda Viva*, ela demonstra consciência de não estar mais em sintonia com a literatura brasileira contemporânea. Quando lhe perguntam se ela acredita que o ciclo regionalista terminou, ela responde:

Bem, que eu saiba quase todos já morremos, restam eu e Jorge [Amado] daquela onda de 30, [...] porque o grande, dentre nós, sobrevivente que era Adonias Filho acabou de morrer [...] ficamos Jorge [Amado], eu, que somos os remanescentes, ainda agarrados ao velho osso, ainda agarrados ao Nordeste. Não creio que a gente saia dessa<sup>29</sup>.

O tom melancólico e levemente irônico com que ela responde à pergunta, descrevendo-se a si mesma e a Jorge Amado como os sobreviventes de uma geração extinta, faz dos dois escritores os vestígios de uma era passada. Ao fazer essa observação desiludida, ela afirma a impossibilidade de fazer de outro modo, de deixar o Nordeste, ou seja, de escrever sobre qualquer outra coisa que não seja a região. A questão que ela levanta assim é a de sua situação no campo literário brasileiro, especialmente após um hiato de quase dezessete anos sem publicar um romance: que voz pode adotar, em 1992, um escritor que estreou na cena literária em 1930 e que se destacou através do regionalismo<sup>30</sup>?

Nesse contexto, em que ela é alvo de muitas críticas e no qual ela mesma pronuncia sua obsolescência, a escolha de escrever a gesta de uma donzela-guerreira no sertão do século XIX não parece ser insignificante. Talvez esteja ligada a uma estratégia editorial. Márcia Cavendish Wanderley e Sandra Reimão notam uma ascensão de romances de temas históricos na ficção brasileira a partir da década de 1980, e ambas colocam *o Memorial de Maria Moura* entre as publicações que se baseiam na história antiga do país<sup>31</sup>. O romance não pretende, entretanto,

---

<sup>28</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** [1970]. São Paulo: Editora Cultrix, 1994, p. 396.

<sup>29</sup> Programa *Roda Viva* com Rachel de Queiroz, transmitido na TV Cultura em 1 de julho de 1991. Transcrição disponível nos arquivos do programa, digitalizado pela FAPESP. URL: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel\\_de\\_queiroz\\_1991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm). Último acesso 1 abril de 2019.

<sup>30</sup> Seu primeiro romance, *O Quinze* (1930) (traduzido para o francês como *L'année de la grande sécheresse* e *La Terre de grand soiff*), inaugura o ciclo de regionalismo dos anos 30, contando a história de populações forçadas ao êxodo pela seca e abrigadas em campos de concentração em Fortaleza, a capital do Ceará; Seus romances posteriores se afastam dos temas regionalistas, com tramas realistas que não se limitam aos limites geográficos do sertão e pintam um quadro complexo de uma nação e região em plane modernização.

<sup>31</sup> Márcia Cavendish Wanderley fala de uma ascensão da 'metaficção historiográfica', nos termos de Linda Hutcheon, entre escritoras em particular e coloca Rachel de Queiroz ao lado de Ana Miranda, Maria José de Queiroz, Esther Regina Largman, Rita Ribeiro, Heloísa Maranhão e Maria Lucia Garcia Pallares CAVENDISH WANDERLEY, Márcia. **Mulheres: Prosa De Ficção No Brasil, 1964-2010**. Rio De Janeiro: Ibis Libris/FAPERJ, 2011, p. 56). Um artigo de Sandra Reimão destaca o sucesso dos romances históricos nos anos 1990-2000, que não se limitam a obras escritas por mulheres, com *best-sellers* de inspiração histórica publicados por José Roberto Torero, Jorge Amado e Jô Soares (REIMÃO, Sandra. *Os best-sellers de ficção no Brasil - 1990/2000*. In: JORGE, Carlos J. F. e ZURBACH, Christine, (eds). **Estudos Literários/Estudos Culturais**, vol. 1 (2001), p. 1-15). O artigo foi publicado no site do centro de pesquisa "Livro

narrar fatos históricos: suas fontes muito heterogêneas, entre Inglaterra Elizabetana, as figuras de donzelas-guerreirasa, as canções de gesta e o banditismo social do Nordeste, e a quase total ausência de referências temporais precisas, no entanto, distanciam-na desta veia. Não é impossível, entretanto, que Rachel de Queiroz tenha aproveitado um momento editorial para redescobrir um lugar entre as publicações contemporâneas, embora ela não tenha publicado um romance desde 1975. Sua abordagem pragmática da relação entre o escritor e seus leitores tende a corroborar esta hipótese: a João Cabral de Melo Neto, que deplora o esquecimento em que caiu o romance do Nordeste, responde em 1997 que cabe ao escritor curvar-se aos leitores e ao "... que o momento literário quer"<sup>32</sup>.

A epopeia romanesca de Maria Moura foi um grande sucesso: a obra foi aclamada pela crítica e, após sua adaptação para a televisão dois anos depois, entrou para a lista nacional de *best-sellers*, tornando-se um dos cem livros mais vendidos da década de 1990<sup>33</sup>. O sucesso popular do romance se amplia com o ressurgimento do interesse acadêmico em seu trabalho, e os estudos acadêmicos sobre a obra da escritora aumentaram a partir dos anos 2000. Recebida como uma obra feminista com uma heroína épica, *Memorial* contribuiu para renovar as abordagens críticas à romancista e se tornou seu trabalho mais estudado após seu primeiro romance, *O Quinze*. O sucesso imediato do *Memorial* e sua adaptação para a televisão nos lembram um dos critérios da "epopeia refundadora" de acordo com Florence Goyet: sua popularidade, que está intimamente ligada ao prazer que desperta nos leitores. Ela observa que a popularidade é o sinal "não tanto que uma obra tenha encontrado seu público [...] mas que um público tenha encontrado um livro, a obra que corresponde ao que precisa"<sup>34</sup>: com o *Memorial*, Rachel de Queiroz pode ter conseguido aproveitar um momento literário e dar ao público leitor brasileiro uma obra que é ao mesmo tempo política e divertida, necessária em um momento de crise.

### **O Nordeste no século XIX: um lugar propício para repensar a nação?**

Ao optar por situar a gesta de Maria Moura num período e num lugar remoto do Nordeste, Rachel de Queiroz contribui para a imagem que constrói no decorrer de suas entrevistas, o que pouco tem a ver com seu lugar atual no campo da literatura brasileira: o de uma escritora à margem do mundo literário. Ela resume sua posição da seguinte forma:

---

e outras mídias" da Universidade de São Paulo, com uma paginação diferente. URL: <http://livroseoutrasmídias.org/papers/os-best-sellers-de-ficcao-no-brasil.pdf>).

<sup>32</sup> As três Rachéis, art. cit., p. 24.

<sup>33</sup> REIMÃO, Sandra, art. cit., p. 14.

<sup>34</sup> Tradução para o português de trecho de GOYET, Florence, art. cit.

O meu enfoque] é o da mulher totalmente integrada na vida nordestina. [...] Eu não sou uma pessoa deslocada, sou uma pessoa que não sabe de onde ela é, mesmo quando sabe. Essa diferença eu me reservo e cobro dos outros quando me confundem com a tropa geral dos literatos, eu me isolo disso<sup>35</sup>.

Sob a pluma de Rachel, sua situação como escritora e o lugar a que ela está ligada se confundem. O Nordeste parece ter assim uma função estratégica: permite-lhe reivindicar sua diferença em relação à “tropa dos literatos”, ou seja, a singularidade de sua escrita. O retorno ao espaço sertanejo<sup>36</sup> com o qual ela tem estado tão associada, e ao qual ela não se limitou, é talvez uma forma de reafirmá-la. Ela também reflete uma intenção de repensar o lugar da região dentro da nação. De fato, a geração de romancistas nordestinos de 1930, da qual Rachel de Queiroz fez parte, afirmava que a região era o lugar de onde poderia surgir uma nova identidade nacional: a região revelaria a nação, como o lugar primitivo onde o espírito nacional encontrava sua mais pura expressão. Em sua juventude, Rachel de Queiroz retomou esta retórica: em poema dirigido aos modernistas do Sul (“Aos Novos do Sul”)<sup>37</sup>, a escritora declara que seu texto é uma contribuição à “grande harmonia nacional”<sup>38</sup>, que eles procuram alcançar “no afã de despirem o Brasil da velha e surrada casaca europeia”, de o fazerem vestir uma roupa mais nossa, feita do algodão da terra”<sup>39</sup>. A seus olhos, o Nordeste é um dos lugares onde o espírito desta jovem nação poderia ser esboçado, o autêntico material de escrita: é o “algodão da terra”, humilde e telúrico, do qual ela se propõe a cortar uma nova peça de vestuário.

O fato de ela situar a epopeia de Maria Moura no século XIX parece confirmar a ideia de que este romance épico tornaria o Nordeste o lugar certo para refundar a nação no momento de sua crise. De fato, o século XIX foi uma época em que o nacionalismo brasileiro estava sendo construído e a região já aparecia como um dos lugares onde uma cultura verdadeiramente nacional poderia ser inventada<sup>40</sup>. O regionalismo se desenvolveu na literatura brasileira com o Romantismo: na impossibilidade de contemplar uma Idade Média brasileira, como fizeram os escritores românticos europeus, os autores brasileiros procuraram tipos nacionais para dar ao

---

<sup>35</sup> QUEIROZ, Rachel de. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. O ethos Rachel, art. cit., p. 114.

<sup>36</sup> Adjetivo que designa o que está relacionado ao *sertão*.

<sup>37</sup> Rachel de Queiroz escreveu os poemas no ano do primeiro número da *Revista de Antropofagia*, que publicou o “Manifesto antropofágico” de Oswald de Andrade, uma das principais figuras do modernismo: Composto de 51 aforismos, este manifesto é uma reivindicação de autonomia da literatura brasileira que quer se libertar do modelo lusitano e europeu, opondo o mito do bom selvagem ao modelo do antropófago, que devora literal e simbolicamente o colonizador.

<sup>38</sup> QUEIROZ, Rachel de. Aos Novos do Sul. **Mandacaru**. Rio de Janeiro: IMS, 2010, p. 64. Os poemas, escritos em 1928, foram publicados apenas postumamente.

<sup>39</sup> *Ibid*, p. 63.

<sup>40</sup> *Ibid*, p. 48.

país origens míticas, tomando primeiro o índio, depois o sertanejo, o homem do sertão<sup>41</sup>, como seu tema. Na literatura do século XIX, o sertão é um espaço mítico, percebido como “a matriz, o lugar por excelência onde reside a fonte primária da vida brasileira, onde se encontram as raízes de sua personalidade e identidade nacional”<sup>42</sup>. Longe das metrópoles, localizadas no litoral, o sertanejo seria um tipo brasileiro mais autêntico por estar livre de influências estrangeiras<sup>43</sup>; esse tipo também destaca uma dicotomia recorrente que divide o Brasil entre o litoral moderno, urbano e o interior tradicional, rural.

A epopeia sertaneja de Rachel de Queiroz é em parte uma extensão desta imaginação e da ambição fundadora dos escritores românticos, como mostra a presença discreta do intertexto de *O Guarani* (1875) de José de Alencar<sup>44</sup>. A *Casa Forte*, a fortaleza erguida pela protagonista, o horizonte de sua busca e a viagem dos outros personagens lembram a casa do fidalgo português Dom Antônio de Mariz em *O Guarani* (1857), de José de Alencar. Dom Antônio mandou construir em um lugar remoto, uma sesmaria<sup>45</sup> atribuída por Mem de Sá; Maria Moura mandou construir sua fortaleza no espaço mítico e isolado da *Serra dos Padres*, uma sesmaria herdada da fidalga Brites. A casa de Dom Mariz é cercada por muros e é comparada a um castelo feudal, lugar de refúgio e asilo. Cercada por uma paliçada que recorda os primeiros assentamentos dos colonos no interior, a *Casa Forte* também funciona segundo uma lógica feudal: os homens, sujeitos à disciplina militar, entregam os despojos de seu saque a Maria Moura e juram-lhe lealdade e, em troca, ela lhes fornece armas e proteção, em uma relação que recorda a dos vassalos e suseranos<sup>46</sup>. A ambição de José de Alencar era construir uma epopeia nacional: os personagens heroicos reencenam a fundação do povo brasileiro, cuja origem ele imagina ser a união harmoniosa entre o colonizador português e o indígena<sup>47</sup>. A alusão ao romance de Alencar e o contexto no qual Rachel de Queiroz situa sua gesta poderia, portanto, corroborar a ideia de uma epopeia refundadora moderna, permitindo à romancista reinventar sua escrita e seu lugar de enunciação, notadamente através da desterritorialização dos modelos europeus.

---

<sup>41</sup> O tipo indígena deu origem ao movimento indianista, do qual o autor cearense José de Alencar, da mesma família de Rachel de Queiroz, é o maior representante com seus romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865). Da mesma forma, ele descreve o guarani de forma idealizada em *O Sertanejo* (1875).

<sup>42</sup> MERIAN, Jean-Yves. La construction d'un imaginaire sur le *sertão* : le roman réaliste du Nord (1890-1905). In: OLIVIERI-GODET, Rita e WREGÉ-RASSIER, Luciana (eds.). *João Guimarães Rosa : mémoire et imaginaire du sertão-monde*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2012, p. 222

<sup>43</sup> MUNIZ DE ALBUQUERQUE JR., Durval, *op. cit.*, p. 54.

<sup>44</sup> Ele também é um dos ancestrais de Rachel de Queiroz.

<sup>45</sup> Subsídio de terra da Coroa Portuguesa.

<sup>46</sup> O personagem também sonha em competir com outro bastião do poder no Nordeste, que também é medieval em sua organização, a Casa da Torre em Ávila.

<sup>47</sup> Essa união é representada no final do romance pela relação entre Ceci, a filha de Dom Antônio de Mariz, e o indígena Peri.

## II. Deterritorialização dos modelos europeus

### Rainha inglesa, cangaceira, matriarca e donzela-guerreira: Maria Moura, uma heroína híbrida

*O Memorial de Maria Moura* começa com uma estranha dedicação à Rainha Elizabeth I da Inglaterra: “A S. M. ELISABETH I, Rainha da Inglaterra (1533-1603), pela inspiração”. Acompanhada da menção às datas de seu nascimento e morte, que sublinham o anacronismo, essa dedicatória é um piscar de olhos malicioso para o leitor, que é convidado a procurar semelhanças entre o mundo fictício do sertão do século XIX e a história da soberana inglesa do século XVI, que é assim desterritorializada, no espaço e no tempo. Como a soberana inglesa, Maria Moura reivindica a herança de seu pai e ocupa uma posição de poder geralmente reservada aos homens, ela recusa se casar para não abdicar de seu poder e não tem filhos. Elizabeth tinha dois favoritos: Robert Dudley, no final de sua vida, o jovem Conde de Essex, que a traiu e foi executado; da mesma forma, Maria Moura, inicialmente próxima a seu conselheiro Duarte, o abandonou pelo jovem Cirino, que a traiu e foi executado. O reinado de Elizabeth I foi um momento de construção histórica da nação inglesa, correspondente aos primórdios do Império Britânico e da expansão colonial. Como a rainha inglesa, a ambição de Maria Moura era estender seu poder através da conquista territorial: ela sonhava em ver suas terras espalhadas até onde os olhos pudessem ver e imaginava que a Casa Forte substituiria a Casa da Torre d'Ávila, um baluarte do poder no Nordeste desde os tempos coloniais, cujo declínio ela notou. Deslocada no espaço e no tempo para servir de estrutura para a gesta épica queiroziana, a história de Elisabeth I é também objeto de uma singular hibridização cultural, explicada pelo romancista:

[A] primeira grande seca registrada oficialmente aconteceu em Pernambuco em 1602. Nessa época, uma mulher chamada Maria de Oliveira tornou-se conhecida para mim porque, junto com seus filhos e filhas, ela sabia como cuidar das fazendas. Depois tive que encontrar esta mulher em sua casa. Uma mulher que saía com os filhos e um bando de homens assaltando fazendas - era a "Lampiona" da época, pensei. Ao mesmo tempo, sempre admirei Elizabeth I da Inglaterra, que morreu no início do século XVII (...) Com certa idade, pensei: "Estas mulheres são semelhantes em muitos aspectos". E comecei a misturar como dois.

Duas referências se entrelaçam com a história de Elisabeth no discurso de Rachel de Queiroz: uma figura histórica do século XVII, Maria de Oliveira, e uma figura histórica do século XX, o cangaceiro<sup>48</sup> Lampião, que ela feminiza em *Lampiona*. Alguns detalhes estão em ordem

---

<sup>48</sup> Os *cangaceiros* são homens da estrada no Nordeste. Eles fazem parte do *cangaço*, uma forma de banditismo social que surgiu no Brasil já no século XVIII e se desenvolveu no final do século XIX e início do século XX. Terminou na década de 1930 quando Getúlio Vargas mandou prender, executar e decapitar o *cangaceiro* Lampião e sua quadrilha.

aqui: um bandido e figura lendária do Nordeste, Lampião tornou-se após sua morte o emblema de uma revolta social brutalmente reprimida pelo Estado. Entretanto, sua companheira, tão famosa quanto ele, apelidada de Maria Bonita, chamava-se Maria Gomes de Oliveira, (que Rachel de Queiroz sem dúvida conhecia, pois ela escreveu uma peça sobre o cangaceiro em 1953): Maria de Oliveira e Maria Bonita sobrepõem-se assim, através do intermediário de Lampião, acrescentando outra camada à camada intertextual do *Memorial*.

Além disso, a Maria de Oliveira mencionada pela escritora, essa *Lampiona* do início do século XVII evoca outras figuras lendárias que interessam à romancista no mesmo período e que fazem parte da memória regional: as matriarcas do Ceará, Bárbara de Alencar Araripe, Dona Federalina de Lavras e Maria Macedo, sobre as quais ela publicou um artigo com Heloísa Buarque de Hollanda em 1990. Grandes proprietárias de terras, muitas vezes viúvas, essas mulheres teriam tomado o lugar de seus maridos e conquistado um espaço de poder além da esfera doméstica. Famosas por sua crueldade e explorações sexuais, elas se libertaram dos modelos femininos tradicionais, como observam as duas autoras; no entanto, não correspondiam a um ideal de emancipação, na medida em que o poder arbitrário e violento que exerciam não escapava ao “modelo patriarcal no seu pior estilo”<sup>49</sup>. É possível que Rachel de Queiroz tenha visto um parentesco entre estas figuras e as Amazonas, que estavam frequentemente associadas ao Novo Mundo desde a época dos Grandes Descobrimentos, e cuja história se entrelaçou com a mitologia dos índios brasileiros<sup>50</sup>.

Nos arquivos da escritora estão notas para um romance que teria sido intitulado *As Amazonas*<sup>51</sup> e que provavelmente se tornou o *Memorial*. A trama delineada nessas notas teria sido sobre uma comunidade de mulheres, uma viúva e suas filhas, operando de forma matriarcal e baseada na exploração dos homens, usada para procriar e trabalhar; sua crueldade e liberdade sexual faz lembrar as matriarcas. Para criar seu caráter épico, Rachel de Queiroz parece misturar a independência e o poder oligárquico das matriarcas com o caráter guerreiro das Amazonas e a inversão sexual que supostamente representam na Antiguidade: comparada ao guerreiro São Jorge, sempre empoleirada em seu cavalo e recusando-se a se submeter aos homens, Maria Moura está assim na encruzilhada dessas imaginações históricas e lendárias.

---

<sup>49</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa e QUEIROZ, Rachel de. Matriarcas do Ceará: D. Fideralina de Lavra. **Papéis Avulsos**, nº24, Rio de Janeiro, Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (CIEC/ECO/UFRJ), 1990. URL: [www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=667](http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=667). Último acesso em 30 de março de 2019.

<sup>50</sup> Isto se reflete em *Macunaíma* (1928) por Mário de Andrade, um grande romance sobre a mistura cultural e étnica que compõe a nação brasileira. Neste romance, que o autor descreveu como uma rapsódia no estilo da *Ilíada* ou da *Odisseia*, Macunaíma é o amante da rainha Ci, a Mãe do Mato, governante dos Icamíabas, um povo de mulheres indígenas bélicas que foram comparadas às Amazonas.

<sup>51</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Notebook for Memorial de Maria Moura**, s/l, s/d, Arquivo IEB - USP, Acervo Rachel de Queiroz, caso nº 1 (não catalogado, acessado em 1<sup>er</sup> setembro 2016).

Além dessas fontes explicitamente reivindicadas pela romancista, há também a referência mais difusa à figura da guerreira-donzela, próxima à amazona, e encontrada na Antiguidade e nas epopeias cavaleirescas do final da Idade Média: Camila em *Eneida*; Bradamante e Marfisa, em *Orlando furioso*, de Ariosto; Britomart em *A rainha das fadas* de Spenser; e Clorinda, em *Jerusalém libertada*, de Tasso. Segundo Walnice Nogueira Galvão, a história das donzelas-guerreiras segue um padrão recorrente: elas cortam seus cabelos, se travestem de homens para travar uma guerra e seu sexo é finalmente revelado quando morrem em batalha. Essa figura é amplamente difundida no Nordeste através da herança da literatura oral portuguesa transmitida pela literatura de cordel; parece inspirar mais ou menos explicitamente alguns romances regionais que antecedem a epopeia de Maria Moura, como *Dona Guidinha do Poço* ou *Luzia-Homem*. Sua reescrita mais famosa é sem dúvida Diadorim, no grande épico de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Diadorim, por quem Riobaldo se apaixona, é uma mulher disfarçada de homem, que se junta a um grupo de cangaceiros para vingar seu pai: Riobaldo só descobre seu segredo após sua morte, assim como Aquiles só descobre o sexo da mulher amazônica Pentésiléia após matá-la, ou como Tancredo, em *Jerusalém libertada*, descobre que ele matou Clorinda em batalha. O caráter de Maria Moura é, de fato, inspirado pelo imaginário das donzelas-guerreiras<sup>52</sup>: em particular quando ela realiza na frente de seus homens a inversão dos papéis de gênero cortando seus cabelos, vestindo as roupas de seu pai e apropriando-se de sua arma a fim de defender sua herança.

Por meio desta complexa estratificação de referências, cuja opacidade foi destacada pelos críticos<sup>53</sup>, Rachel de Queiroz parece levar a desterritorialização dos modelos europeus ao seu limite, ao mesmo tempo em que nos lembra o poder inventivo da cultura regional e nacional. A história de Elizabeth I, as gestas das guerreiras e o mito das amazonas são aproximados da cultura regional e reinterpretados para servir a uma reflexão ambivalente sobre o poder feminino e sobre a tentação autoritária. Enquanto se liberta da tutela masculina e recusa do casamento, Maria Moura não reinventa a estrutura social do Nordeste: ela parece ser antes uma extensão das oligarquias locais, cujo funcionamento ela não questiona. Ela baseia seu poder na violência e na exploração dos homens, como as matriarcas e as amazonas, ela mantém as mulheres ao seu redor na esfera doméstica da qual ela escapou e, embora ela seja contra a

---

<sup>52</sup> Ver sobre este assunto: MATOS VILALVA, Walnice Aparecida. A problemática da condição jagunça em *Memorial de Maria Moura*. **Polifonia**, vol. 17, No. 22, 2010, pp. 75-85. URL: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/17>. Último acesso 30 de março de 2019.

<sup>53</sup> Veja, por exemplo, o artigo de Martins, Wilson, "Rachel de Queiroz em perspectiva", em *Cadernos da literatura brasileira*, op. cit., p. 69-86.

escravidão, as fronteiras raciais e sociais nunca são abolidas<sup>54</sup> (ela não pode prever casar com Duarte, seu favorito, que é o filho ilegítimo de seu tio e de um escrava liberta). A romancista sugere, assim, que ao fundar a *Casa Forte* Maria Moura está apenas refundando a *Casa Grande*, a morada dos mestres. O texto parece assim chegar a um impasse, sinalizando a impotência de pensar em novos modelos políticos, que não podem deixar de nos lembrar da crise em que o país se encontrava mergulhado no momento da publicação, o que atesta a incapacidade de renovar a política nacional e de modificar de fato as estruturas profundamente desiguais da sociedade brasileira. Talvez seja também uma forma, do ponto de vista singular do romancista, de questionar os limites da lógica oligárquica que ela tem sido capaz de defender, suas derivas autoritárias, assim como as dificuldades que ela experimenta para superá-las<sup>55</sup>.

### Canção de gesta e imaginação medieval

O romance também reivindica a herança da canção de gesta através de alusões ao cordel: ele é colocado a serviço de uma imaginação anacrônica do sertão como um espaço feudal. Ao se referir a Lampião e ao cangaço, Rachel de Queiroz reforça a ligação entre o romance e a epopeia medieval. De fato, o cangaceiro pertence ao moderno ciclo heroico da literatura de cordel: segundo Maria Isaura de Queiroz, é a lenda carolíngia que é a matriz dos cordéis dedicados às façanhas de Lampião e dos cangaceiros, que eles próprios teriam servido de material para a formação de uma epopeia nacional<sup>56</sup>. Nos cordéis, Lampião, muitas vezes comparado a Rolando ou Carlos Magno, é um personagem épico com um destino extraordinário<sup>57</sup>. Entretanto, é precisamente a história de Carlos Magno que é a única referência literária da protagonista. Quando seu amante Cirino se refere a uma história sentimental lida em um romance, Maria Moura lhe diz que ela nunca leu uma e que seu pai, que a ensinou a ler, leu *Vida do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*, apresentada como a verdadeira

---

<sup>54</sup> Sobre este assunto, veja o artigo muito esclarecedor de SCHKUN, Mônica Raísa. Lé com lé, cré com cré ? Fronteiras móveis e imutáveis em *Memorial de Maria Moura*. In: CHIAPPINI, Lígia e BRESCIANI, Maria Stella (eds.). **Literatura e cultura no Brasil: identidade e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 177-186.

<sup>55</sup> Mais amplamente, também, sobre seu lugar excepcional no panteão das cartas nacionais, o que a distingue de seus colegas: se Rachel de Queiroz conseguiu fazer seu caminho no campo literário brasileiro dos anos 30 e se tornou parte do cânone, este não é necessariamente o caso de outras escritoras do mesmo período. Sobre este assunto, ver MANERA, Giulia. **Mulheres escritoras e a representação do feminino no "romance dos 30" no Brasil**. Tese de doutorado sob a supervisão de Muzart Fonseca, Idelette e Rios Pinheiros Passos, Cleusa, co-tutelle Université Paris Nanterre/Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>56</sup> QUEIROZ, Maria Isaura de, **Os Cangaceiros**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p. 213.

<sup>57</sup> FRANÇA BASTOS, Raísa. Nas pegadas de Raymond Cantel: da Europa carolíngia ao Brasil contemporâneo. **Escritural**, No. 10, junho de 2018. URL: [http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL10/ESCRITURAL\\_10\\_SITIO/PAGES/11\\_Bastos.html#a10](http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL10/ESCRITURAL_10_SITIO/PAGES/11_Bastos.html#a10). Último acesso em 10 de abril de 2019.

história do “maior rei do mundo”<sup>58</sup>. Esse diálogo entre Maria Moura e Cirino sugere a rejeição de um romance sentimental em favor da gesta medieval: trata-se obviamente de subverter os estereótipos de gênero, pois é a mulher que reivindica a herança da epopeia guerreira e é o homem que defende o romance sentimental.

A história de Carlos Magno destaca o anacronismo voluntário do *Memorial*. Durante muito tempo, a *Vida de Carlos Magno* foi, juntamente com a Bíblia, um dos únicos livros distribuídos no mundo rural brasileiro<sup>59</sup>: seria o “ancestral comum”<sup>60</sup> do antigo ciclo heroico nos folhetos de cordel<sup>61</sup>. O sucesso da lenda carolíngia pode ser explicado, segundo Maria Isaura de Queiroz, pelo fato de ser percebida como uma imagem da ordem social do sertão, na qual “os grandes chefes das parentelas não estão longe de se acreditarem outros tantos pequenos Carlos Magno, rodeados de seus pares”<sup>62</sup>. A importância desse imaginário feudal também é sublinhada por Walnice Nogueira Galvão, que ressalta que os intelectuais brasileiros tendem a “representar o sertão como um universo feudal”<sup>63</sup>. A busca de Maria Moura não escapa deste imaginário medieval, nem de sua fortaleza: como foi observado, a *Casa Forte*, embora descrita como os primeiros assentamentos coloniais, funciona de acordo com uma lógica feudal. A escritora multiplica, assim, as mudanças temporais, interpretando o Brasil contemporâneo através do prisma desses sucessivos anacronismos. Em 1997, ela declarou que o Brasil contemporâneo ainda é de certa forma “reliquia do Brasil Império”<sup>64</sup>: No entanto, o Brasil Imperial no qual a história de Maria Moura acontece é em si mesmo um vestígio do Brasil colonial e da sobrevivência de uma Idade Média européia, como se a epopeia de Maria Moura recuasse no tempo para mostrar a permanência anacrônica de formas ancestrais de dominação, herdadas da colonização européia, das quais a nação jamais pode se libertar.

### **Travessias épicas do sertão: repensar a história da colonização?**

O romance, como vimos, está estruturado em torno de três viagens pelo sertão, que correspondem a três vozes distintas dentro do romance: a de Maria Moura, a de sua prima Marialva e a do padre José Maria, rebatizado Beato Romano; estas três linhas narrativas permitem a multiplicação de histórias secundárias dentro da trama principal, lembrando a

---

<sup>58</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*, *op. cit.*, p. 363.

<sup>59</sup> Queiroz, Maria Isaura de, *op. cit.*, p. 37.

<sup>60</sup> FRANÇA BASTOS, Raísa, art. cit., art.

<sup>61</sup> Para mais detalhes sobre a transmissão da lenda carolíngia, veja *ibid.*

<sup>62</sup> QUEIROZ, Maria Isaura de, *op. cit.*, p. 37.

<sup>63</sup> NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. *As Formas do Falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 12.

<sup>64</sup> As três Rachéis, art. cit., p. 24.

expansão narrativa do gênero épico. A história de Marialva, inspirada na de Maguelonne e Pedro de Provence<sup>65</sup>, funciona como um contraponto à de Maria Moura: presa por seus irmãos, ela é libertada pelo acrobata Valentim, que a raptou e se casou com ela. Entretanto, uma vez que ela chega com ele na *Casa Forte*, a voz de Marialva desaparece do romance, enquanto a voz de Maria Moura se torna cada vez mais presente, como se a polifonia estivesse sendo reduzida ao monologismo e o gesto bélico fosse o único resultado possível do romance.

Nessa estrutura tripartite, as aventuras de Maria Moura e do Padre José Maria, também conhecido como Beato Romano, são as mais reminiscentes do intertexto épico; ambos parecem questionar as origens da comunidade nacional. Após um caso com uma mulher de sua paróquia, que é morta por seu marido após a descoberta do adultério, o Padre José Maria é forçado a fugir por medo de ser assassinado. Montando seu cavalo, Veneno, ele envereda pelo interior, que é um terreno incógnito para ele: sua longa e “sofrida odisseia” no sertão é semelhante aos anos de errância de Ulisses. Ele afirma: “Em frente, todos os caminhos para mim eram um mistério [...] aquele grande sertão, diante de mim, nunca vi mapa que o retratasse. Era como se eu estivesse avançando através do mar. Tudo igual, sem horizonte”<sup>66</sup>.

No curso desta navegação metafórica por um mar desconhecido, ele se afasta cada vez mais da civilização: em cada etapa de sua viagem, um contratempo o força a partir de novo. Um dia ele chega a um lugar estranho, que alude à história de Ulisses e Circe: é uma pequena aldeia isolada cujo nome, Bruxa, ou “como Bruxa” de acordo com os locais, se traduz literalmente, como se Beato também estivesse desembarcando na perturbadora ilha de uma feiticeira. De fato, ele fala de sua chegada como um naufragado numa ilha deserta: “Às vezes parecia que eu tinha naufragado numa ilha deserta, no meio de carinhosos selvagens, pagãos”<sup>67</sup>. O padre desempenha claramente o papel do colonizador, o padre jesuíta trazendo a civilização para uma nova terra que ele considera primitiva. Com um olhar inquisitivo e desdenhoso, ele observa meticulosamente os costumes desta estranha comunidade onde não há escola, não há dinheiro, não há religião. Seu português é descrito como uma língua degradada e quase incompreensível que, segundo ele, reproduzindo os preconceitos dos colonos, é “até pior que o saído da boca dos índios mansos ou dos negros de senzala”<sup>68</sup>.

---

<sup>65</sup> A história data do século XIV e é amplamente lida na Europa; ela é particularmente popular no cordel. Pedro de Provence foge com a bela Maguelonne, por quem está apaixonado. Durante seu vôo, os amantes são separados e passam por muitas aventuras antes de se reencontrarem e casarem.

<sup>66</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura** [1992]. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005, 17ª edição, p. 191.

<sup>67</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 316.

<sup>68</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 315.

Agora, essa estranha e primitiva aldeia é um lugar onde todos os habitantes são brancos e loiros, onde “não se via um pretinho, um caboclo, um mulato”<sup>69</sup>. Quando o padre tenta educar as crianças, é ele mesmo que se transforma, vestindo-se quase como eles, falando como eles, “naquela algaravia impossível de reproduzir”<sup>70</sup> e até “a [sua] pele de homem branco”<sup>71</sup> começa a queimar como a deles. O padre logo descobre que Bruxa é uma distorção da Prússia, o nome de uma propriedade fundada por um alemão, e que os estranhos nomes das crianças são o resultado de distorções de nomes alemães<sup>72</sup>. O texto subverte a relação entre os colonos e os colonizados ao reverter a percepção da alteridade racial: são os europeus que são descobertos aqui. No entanto, o que é perturbador no encontro entre o sacerdote e essa comunidade não é a alteridade, mas a homogeneidade na qual o próprio sacerdote é absorvido ao se tornar como eles: os habitantes da aldeia praticam incesto e o padre observa que neste lugar “não só se perdia cedo a memória, também se morria cedo”<sup>73</sup>, e onde “muita criança defeituosa, 'criança boba’”<sup>74</sup> (“muitas crianças anormais, um pouco loucas”<sup>75</sup>) nascem. A herança européia, degradada e rejeitada, é representada pelos documentos deixados aos seus descendentes pelo ancestral alemão, fundador da comunidade. Além de uma Bíblia em letras góticas, restam apenas alguns papéis, incluindo um que anuncia a morte do pai do antepassado, no qual ele é chamado ao consulado: ele encontra a inscrição “*Gehem Zum Tefeul!*”<sup>76</sup> (que pode ser traduzido como “Vá para o inferno!”). Essa frase não traduzida, a única instância direta do alemão no texto, desmistifica o patrimônio cultural europeu de forma paródica, ao mesmo tempo em que indica a ruptura com ele. O padre logo foge deste lugar, que é percebido como um espaço de decadência moral e intelectual: a Europa, isolada em sua homogeneidade, é rejeitada, abandonada em favor do espaço heterogêneo da *Casa Forte de Maria Moura*, à qual ele logo se junta. Depois de ter sido padre jesuíta e descobridor de “bons selvagens”, que conhecia os mapas de Portugal, França e Terra Santa<sup>77</sup>, mas para quem o sertão era um lugar desconhecido, tornou-se Beato<sup>78</sup>, fazendo assim uma passagem simbólica da Europa para o Nordeste: abandonou definitivamente a Igreja para se aproximar de uma religião mais próxima da devoção popular e

---

<sup>69</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 280.

<sup>70</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 315.

<sup>71</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 315.

<sup>72</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*, *op. cit.* p. 291: “*Cau era Karl, Rana, Hanna, Vico, Viktor, Joseph, Zefe*”. E Franco Franz” (**Maria Moura**, *op. cit.*, p. 1). p. 306: “*Cau era Karl; Rana, Hanna; Vico, Viktor; Zefe, Joseph*”. E Franco, Franz”).

<sup>73</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 317.

<sup>74</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 317.

<sup>75</sup> QUEIROZ, Rachel de **Maria Moura**, *op. cit.*, p. 333.

<sup>76</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 290.

<sup>77</sup> *Ibid.* p. 191; QUEIROZ, Rachel de. **Maria Moura**, *op. cit.*, p. 191., p. 202.

<sup>78</sup> No Nordeste, o beato é uma figura devocional popular. São homens ou mulheres que, sem ter um sacerdócio, pregam no sertão, muitas vezes misturando o cristianismo com crenças e superstições populares e às vezes fazendo profecias. Eles vivem da caridade dos crentes.

do messianismo, da qual o Nordeste tem muitos avatares. Vestindo um simarre, o Beato nunca se separa de seu "bordão, que era um grande cacete de madeira de jucá, o castão enrolado num C"<sup>79</sup>. Este objeto, assim como sua aparência física, evoca a figura histórica de Antonio Conselheiro, apelidado de "Peregrino", um beato místico à frente de Canudos<sup>80</sup>, cuja resistência contra o governo também lembra o caráter anti-estatal da comunidade de Maria Moura. Tendo deixado as vestes do padre jesuíta para se tornar um beato, ele segue Maria Moura em sua última expedição, como "capelão de sua tropa"<sup>81</sup>, retornando em última instância à herança medieval no momento em que o gesto é reavivado.

Quanto à trajetória de Maria Moura até a Serra dos Padres, ela é guiada por uma ambição fundadora, a de construir uma comunidade. Esse espaço está ligado às origens coloniais do país e aos conflitos entre os colonizadores e os colonizados: uma antiga sesmaria, foi ocupada pelos índios após a partida dos jesuítas no século XVII. Sua viagem a esse lugar é uma *Ilíada* e uma *Odisséia*: partida em guerra e retorno a um lugar de nascimento imaginário, o de seu pai, onde ela sonha em criar raízes. Manipuladora hábil, ela tem uma inteligência semelhante à mêtis de Odisseu, que lhe permite derrotar seus adversários com astúcia, mesmo estando em uma posição fraca contra eles. Entretanto, o objetivo de sua busca parece ser facilmente alcançado: não há uma batalha espetacular para significar seu triunfo, e a conquista da Serra dos Padres, que ela prepara como uma partida para a guerra, não requer nenhum esforço. Quando Maria Moura chega com seu bando, ela conhece três habitantes que vivem à margem da civilização: a viúva Jove e seu filho, mas também um único homem, Seu Luca. O filho de Jove é chamado Pagão e Seu Luca diz que ele se tornou como um índio<sup>82</sup>: diante desses personagens, Maria Moura faz o papel de uma colonizadora, assumindo o território e proclamando sua própria legitimidade, assim como fizeram os colonizadores. Sua conquista não é, portanto, subversiva, mas reencena estruturas ancestrais de dominação ao refundar um poder oligárquico, como se ela estivesse sinalizando que o país estava atolado em uma história que não parava de se repetir.

---

<sup>79</sup> QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 385.

<sup>80</sup> Em 1893, um grupo de *sertanejos* organizou uma comunidade armada liderada pelo *beato* Antônio Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro, que se opôs à República por lealdade ao Império. Preocupado com o crescimento desta comunidade, o governo enviou o exército que, após várias expedições fracassadas, dizimou Canudos em 1897. *Os Sertões*, afresco de Euclides da Cunha, a meio caminho entre a reportagem e a literatura, toma como tema esta batalha que testemunhou como correspondente de guerra.

<sup>81</sup> Queiroz, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*

<sup>82</sup> QUEIROZ, Rachel de, **Maria Moura**, *op. cit.* p. 260; **Memorial de Maria Moura**, *op. cit.*, p. 248.

## Conclusão

Profundamente pessimista, a epopeia refundadora de Rachel de Queiroz não consegue imaginar uma renovação política para a comunidade nacional. Se é uma metáfora para a nação, o sertão de Rachel de Queiroz evoca sobretudo um universo dilacerado pela violência, no qual as estruturas de poder oligárquico herdadas da colonização resistem a qualquer tentativa de derrube. As fraturas entre as classes sociais, raças e gêneros nunca são superadas; Maria Moura não é a mulher providencial que conseguirá refundar uma comunidade nacional, ela é a continuação melancólica de uma história que não para de se repetir. Para utilizar as categorias propostas por Florence Goyet, o suspense em que o romance é deixado é talvez um sinal do trabalho épico inacabado dos épicos modernos, “produzindo desconstrução, mas não reconstrução”<sup>83</sup>. Essa desconstrução é também a dos modelos europeus: se a refundação política fracassa a refundação poética é, pelo contrário, produtiva. Uma máquina intertextual formidável, a epopeia melancólica de Rachel de Queiroz reinventa a escrita da romancista no final de sua carreira. Erudito e singular, este gesto reafirma o poder criativo do regionalismo, desterritorializando as referências europeias e reativando a memória da história e da cultura sertaneja. Ao proclamar sua diferença uma última vez, Rachel de Queiroz produz um texto ao mesmo tempo contemporâneo e anacrônico, a coroação de uma longa carreira literária, cuja percepção o *Memorial* reorienta em grande parte.

## Referências bibliográficas

As três Rachéis (entrevista). **Cadernos da literatura brasileira**, nº 4, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 21-39.

BLAKE, Stanley E. **The Vigorous Core of Our Nationality: Race and Regional Identity in Northeastern Brazil**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** [1970]. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. O ethos Rachel. **Cadernos da literatura brasileira**, nº 4, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 103-115.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa e QUEIROZ, Rachel de. Matriarcas do Ceará: D. Fideralina de Lavra. **Papéis Avulsos**, nº 24, Rio de Janeiro, Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (CIEC/ECO/UFRJ), 1990. URL: [www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=667](http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=667).

CAVENDISH WANDERLEY, Márcia. **Mulheres: Prosa De Ficção No Brasil, 1964-2010**. Rio De Janeiro: Ibis Libris/FAPERJ, 2011.

---

<sup>83</sup> Tradução para o português de trecho de GOYET, Florence, art. cit.

COELHO MENDES, Fernanda. **A "fiadora do governo": Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro* (1960-1975)**. Tese de mestrado sob a supervisão de Lúcia Grinberg. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017, URL: [http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/dissertacao\\_fernanda-mendes-1](http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/dissertacao_fernanda-mendes-1).

FRANÇA BASTOS, Raísa. Nas pegadas de Raymond Cantel: da Europa carolíngia ao Brasil contemporâneo. **Escritural**, No. 10, junho de 2018. URL: [http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL10/ESCRITURAL\\_10\\_SITIO/PAGES/11\\_Bastos.html#a10](http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL10/ESCRITURAL_10_SITIO/PAGES/11_Bastos.html#a10).

FRANÇA DOS SANTOS FERREIRA, Raquel. **A "Última Página" de *O Cruzeiro*: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64**. Tese de doutorado em história sob a supervisão de Giselle Martins Venancio. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015. URL: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1744.pdf>.

GOYET, Florence. L'épopée refondatrice : extension et déplacement du concept d'épopée. **Recueil Ouvert** [En ligne], atualizado em : 31/05/2018, URL: <http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/165-le-travail-epique-definition-de-l-epopee-refondatrice>

MANERA, Giulia. **Mulheres escritoras e a representação do feminino no "romance dos 30" no Brasil**. Tese de doutorado sob a supervisão de Muzart Fonseca, Idelette e Rios Pinheiros Passos, Cleusa, co-tutelle Université Paris Nanterre/Universidade de São Paulo, 2016.

MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. **Cadernos da literatura brasileira**, nº 4, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 69-86.

MATOS VILALVA, Walnice Aparecida. A problemática da condição jagunça em *Memorial de Maria Moura*. **Polifonia**, vol. 17, No. 22, 2010, pp. 75-85. URL: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/17>.

MERIAN, Jean-Yves. La construction d'un imaginaire sur le *sertão*: le roman réaliste du Nord (1890-1905). In: Olivieri-Godet, Rita ; Wrege-Rassier, Luciana (eds.). **João Guimarães Rosa: mémoire et imaginaire du sertão-monde**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012, p. 221-232.

MUNIZ DE ALBUQUERQUE JR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife/São Paulo: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana/Cortez Editora, 1999.

NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. **As Formas do Falso: um estudo sobre a ambigüidade no *Grande Sertão: Veredas***. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Os cangaceiros**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977

PÓLVORA, Hélio. Dôra, Doralina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 de março de 1975; **Cadernos da literatura Brasileira**, No. 4, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 123.

QUEIROZ, Rachel de. *Aos Novos do Sul*. **Mandacaru** [1928]. Rio de Janeiro: IMS, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura** [1992]. 17ª edição. São Paulo: Editora José Olympio, 2005.

QUEIROZ, Rachel de. **Maria Moura**. Trans. Cécile Tricoire [1995]. Paris: Métailié, 2009.

REIMÃO, Sandra. Os *best-sellers* de ficção no Brasil - 1990/2000. In: JORGE, Carlos J. F. e ZURBACH, Christine, (eds). **Estudos Literários/Estudos Culturais**, vol. 1 (2001), p. 1-15.

**Roda Viva**. Programa de televisão, transmitido em 1º julho de 1991, São Paulo: TV Cultura. Transcrição disponível nos arquivos do programa, digitalizado pela FAPESP (Fundação de Amparo

à Pesquisa do Estado de São Paulo). URL:  
[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel\\_de\\_queiroz\\_1991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm).

SANTANNA GUERELLUS, Natália de. **Como um Castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)**. Tese de doutorado em história sob a supervisão de Rachel Soihet. Niterói (Brasil): Universidade Federal Fluminense, 2015. URL:  
<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1774.pdf...>

SCHPUN, Mônica Raísa. Lé com lé, cré com cré ? Fronteiras móveis e imutáveis em *Memorial de Maria Moura*. In: CHIAPPINI, Lígia e BRESCIANI, Maria Stella (eds.). **Literatura e cultura no Brasil: identidade e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, pp. 177-186.